

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

AUTOBIOGRAFIAS DE PROSTITUTAS NO BRASIL: embates entre o feminismo radical e o putafeminismo

Taynara Mirelle do Nascimento de Araújo¹

RESUMO

O presente trabalho se propõe a refletir, de forma breve, sobre as narrativas autobiográficas e os manifestos putafeministas de Gabriela Leite e Monique Prada. Tendo como foco de análise os embates travados entre feministas radicais e prostitutas que reivindicam a posição política do Putafeminismo, assim como o impacto das narrativas de si de mulheres marginalizadas e estigmatizadas, como as prostitutas, não só na construção de saberes, mas também da luta permanente pela regulamentação da profissão e pelo acesso a direitos historicamente negados.

Palavras-chave: Prostituição; Putafeminismo; Autobiografia.

ABSTRACT

The present work proposes to briefly reflect on the autobiographical narratives and whore-feminist manifestos by Gabriela Leite and Monique Prada. Focusing on the analysis, the clashes between radical feminists and prostitutes who claim the political position of "Putafeminismo" (whorefeminism), as well as the impact of self-narratives of marginalized and stigmatized women, such as prostitutes, not only in the construction of knowledge, but also in the struggle permanent by the regulation of the profession and access to historically denied rights.

Keywords: Prostitution; "Putafeminismo"; Autobiography.

¹ Universidade Federal do Ceará; Mestre em História Social e doutoranda em Sociologia; taynara.mirelle.araujo@gmail.com.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

1 INTRODUÇÃO

“Entrei na prostituição por rebeldia e desobediência à regra geral das coisas. Hoje demonstro essa mesma rebeldia e desobediência, quando digo que gosto do trabalho de prostituta. Pago um preço por isso, um preço sério e pessoal, no meu dia a dia”.

Gabriela Leite

Gabriela Leite foi uma das pioneiras a trazer o debate da prostituição para a sociedade brasileira de forma totalmente aberta, não a partir de um ideal vitimista, mas de uma fala em defesa da escolha das mulheres pelo seu próprio destino e da luta permanente contra a marginalização e pelo acesso à direitos fundamentais. Como diz no trecho acima, esse seu posicionamento de “Madalena não arrependida” a fez pagar um alto preço, já que a Igreja e várias outras organizações, inclusive feministas, estavam preparadas para receber as prostitutas arrependidas, acolhê-las e “salvá-las” desse meio, mas não para receber as que defendem a profissão e a própria escolha. A sociedade estava querendo de Gabriela Leite uma confissão e ela, na verdade, veio lhe entregar um manifesto. Veio dizer o que, segundo ela, ninguém queria ouvir: “Quando as prostitutas disseram o que pensavam, com um puta manifesto, o pau comeu”. (LEITE, 1992, p. 114).

A partir deste manifesto, que foi elaborado pelas putas em rebelião num encontro religioso: “num quarto, não podia ser noutra local, que as putas brasileiras começaram a conspirar”. (LEITE, 1992, p. 114, 115), dos Encontros Nacionais de Prostitutas que advieram dele e de uma série de outras ações por todo o Brasil, Gabriela Leite foi se juntando à outras prostitutas das diversas regiões do país, abrindo os caminhos, fomentando as discussões e intensificando os debates, para que mais putas viessem trazer as suas narrativas à público, para que saíssem das sombras, dos

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



becos, para que viessem contar a sua versão dos fatos. Como Monique Prada, que traz à tona, mais recentemente, também com um manifesto, os embates das putafeministas com o feminismo radical, que não tolera a sua existência e permanência tanto na profissão como dentro do movimento feminista.

Quando essas mulheres decidem colocar a boca no mundo, contar de si, trazer as suas histórias, cada uma dessas narrativas cai como uma bomba, não só no pensamento conservador brasileiro, mas no seu viés mais progressista também. Já que ambos acabam se atrelando quando a pauta é prostituição. Têm-se um engodo de pensamentos e ações, que misturam julgamentos com falas salvacionistas. Têm-se colocações que vitimizam essas mulheres, como as “escravas” do mundo atual, e falas que as demonizam, como desviadas do caminho das moças direitas, das mulheres de respeito. Em ambas as posições, as prostitutas são tratadas não como agentes da sua própria história, mas como seres sem escolha ou que não souberam ou não puderam escolher e devem ter as suas vidas tuteladas: pela criminalização ou pela “salvação” com a saída da zona.

Por isso, as principais reflexões que se quer desenvolver ao longo desse breve texto giram em torno das questões levantadas por essas autobiografias e manifestos de prostitutas sobre o meio prostitucional, assim como de que forma esses relatos mobilizam um acalorado debate na sociedade brasileira sobre sexualidade, moral e papéis de gênero, perpassando as reflexões teóricas sobre agência e estrutura social.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



2 AS MÚLTIPLAS NARRATIVAS DE/SOBRE PROSTITUTAS

A primeira questão que se coloca a respeito dessas narrativas de si gira em torno da potencialidade destas escritas de trazer essas mulheres para o debate público como sujeitos de agência. Como afirma Giddens (1998, p. 161), “o indivíduo na sociedade não é simplesmente um receptáculo passivo das formas sociais, mas um agente ativo”. A fala das prostitutas em defesa dos seus direitos coloca essa lógica de vitimização em cheque, reivindicando não só o entendimento da prostituição como profissão e com isso melhores condições de trabalho, mas uma visão destas mulheres como agentes que refletem, planejam e organizam a sua prática, tendo portanto consciência das contradições que envolvem o seu trabalho e a necessidade de mudanças. A defesa de suas posições, portanto, passa pela perspectiva dessas mudanças serem feitas nos seus termos e não mediante o discurso da Igreja ou do feminismo radical, por exemplo. Gabriela Leite traz uma reflexão a esse respeito ao afirmar:

Minha luta é para a gente ter liberdade de escolher e de seguir essa profissão. E estando na prostituição, que possamos perceber a possibilidade de estar sem nos tornarmos escravas. [...] Nossa batalha é a mesma de outro trabalhador qualquer. (LEITE, 1992, p. 170).

O que acaba com uma prostituta, o que tira a sua dignidade e sua saúde, não é transar, não é fazer sexo profissionalmente. O que acaba com ela é a falta de condições de trabalho: não tem água para se lavar, o quarto não tem condições de higiene, tem percevejo andando pelas paredes; se ela não trabalha um dia ou mais, vem a cafetina dizer que ela tem que trabalhar para pagar pelo dia de trabalho e pelas faltas, e a prostituta fica devendo um monte de dinheiro. Vira escrava da cafetina. Não há regra para nada, nenhuma legislação que a ampare. Aposentadoria, nem pensar. A gente cansa de ver prostitutas que, depois de trabalharem a vida inteira, acabam como mendigas, na rua, porque a “vida útil” delas terminou. (LEITE, 1992, p. 171).

Corroborando com as reflexões de Leite, Monique Prada afirma em seu manifesto:

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A ideia de que as prostitutas são sempre pessoas infelizes com os seus trabalhos, usando essa obrigatoriedade da felicidade no trabalho para negar direitos trabalhistas (que é algo lembrado apenas quando se fala em trabalho sexual remunerado, vejam bem, ninguém se oporia a PEC das Domésticas usando para isso o fato de que é um trabalho precário e que a maioria das trabalhadoras, se pudesse, o trocava por outro) podendo acabar sendo entraves sérios para as nossas lutas.

[...] Algumas falas dentro do movimento feminista cobram fortemente que o trabalho sexual seja, de alguma modo, empoderador, até mesmo algumas trabalhadoras sexuais e ativistas adotam esse discurso. Não é uma linha que me representa, já que considero que nenhum trabalho exercido por mulheres de baixa escolaridade e classe social possa realmente ser considerado empoderador ou emancipatório. Não há nenhum questionamento sobre o empoderamento alcançado por mulheres que exercem outros trabalhos precários. (PRADA, 2018, p. 47, 58).

As reflexões de Leite e Prada trazem questões importantes sobre a análise de prostitutas sobre a precariedade do trabalho no meio prostitucional, mostrando que ao contrário do que grandes setores do movimento feminista e de organismos conservadores argumentam de uma deliberada romantização da prostituição pelas prostitutas que reivindicam a regulamentação da profissão. Mostrando a análise rasa e estigmatizante destes grupos a respeito das reflexões e ações destas mulheres na sua luta por espaço e direitos. Prada traz à tona uma reflexão básica, mas que se perde nas muitas divagações a respeito da pauta, a de que: “como em qualquer outra profissão, as prostitutas também têm conflito profissional”, no caso, principalmente se tratando de trabalhos precarizados. Têm-se posições conflitantes e que se alteram ao longo da caminhada do movimento organizado de prostitutas e das suas interconexões com movimentos nacionais e internacionais de profissionais do sexo.

De acordo com Bourdieu, essa agência surge a partir da percepção do mundo em que se vive, onde, em campos particulares, os atores têm suas próprias regras de ação interiorizadas. Arboleya (2013, p. 23) sugere que essa “consciência do agente, seu habitus enquanto esquema de percepção e apreciação da realidade social se faz nas trajetórias sociais que o agente percorreu em sua existência, e que influem sobre o sentido

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



da ação”, que a posição que o agente ocupa na estrutura do espaço social influencia sua autonomia no agir. Refletir sobre essas narrativas tendo como base estes conceitos ajuda a analisar com mais clareza como se dá a atuação destas mulheres mediante esta estrutura social.

Numa sociedade estruturalmente patriarcal e misógina, as mulheres sofrem uma permanente opressão e deslegitimação desde o nascimento. Mulheres como Gabriela Leite e Monique Prada, que contam sobre sua sexualidade que desvia da norma instaurada, são alvo preferencial da política de disciplinamento de corpos. O estigma da puta é uma ameaça a todas as mulheres, ameaça de violência, de desprezo, de exclusão do rol das mulheres honestas, dignas de um homem, dignas de matrimônio, como reflete Prada (2018, p. 65) ao dizer que “todas as mulheres que de algum modo contrariam a ordem das coisas na sociedade patriarcal se arriscam a sofrer por conta desse estigma: a Ofensa Madre, parecer uma puta, ser confundida com uma puta, ser chamada de puta”. O termo “puta” está sempre relacionado ao engano, à perversidade, ao pecado carnal. E é justamente essa repulsa ao termo, às suas pretensas significações e às putas em si, ligado a todo o aparato simbólico da misoginia que torna muito difícil a construção de uma luta permanente, forte e articulada pelos direitos das prostitutas. Sobretudo num momento como este de acirramento político, polarização e avanço do conservadorismo no Brasil. (SULZ; CARDOSO, 2019).

Falar sobre as narrativas dessas mulheres é falar sobretudo sobre silenciamento. Problematizar a marginalização das mulheres e dos seus relatos é se colocar a refletir sobre como uma história eurocêntrica e patriarcal priorizou a memória gloriosa de homens de uma determinada classe social, lugar e cor. Pesquisar a narrativa de mulheres à margem num país do sul global é exatamente quebrar com essa lógica, é tentar pôr

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

em prática as reflexões de Natalie Zemon Davis e Edward P. Thompson com a perspectiva historiográfica da história vista desde os de baixo. Sendo essencial também trazer uma análise interseccional, já que se analisa aqui as narrativas de corpos subalternizados de mulheres que desobedecem os acordos do Ocidente cristão sobre virgindade, sexo, público e privado, escancarando suas vivências no meio prostitucional, onde vivenciam camadas diversas e contraditórias de exclusão e aceitação, tendo como marcadores desse cotidiano e dessas múltiplas identidades, principalmente, as categorias de gênero, classe, raça e sexualidade. Como afirmam Collins e Bilge (2020, p. 114), o uso da interseccionalidade como dispositivo analítico no debate e na pesquisa teórica sociológica tornaram-se fundamentais para uma análise mais complexa dos fenômenos, “não apenas em estudos de discriminação de gênero, mas também na investigação da estratificação social e da agência social”. Já que essa estrutura analítica abre novos caminhos de investigação, trazendo à tona como as múltiplas formas de violência e de regimes de exclusão contra prostitutas dentro de sistemas separados podem de fato se interconectar e se apoiar mutuamente. Demonstrando assim a pertinência do uso de lentes multifocais para abordar questões sociais tão complexas como essas com categorias de relações de poder que se interconectam, revelando como os múltiplos sistemas de poder são inseparáveis na maneira como afetam a vida de cada indivíduo, produzindo lugares sociais distintos para cada grupo.

3 O PUTAFEMINISMO E OS CONFLITOS COM O FEMINISMO RADICAL

Para estas mulheres dissidentes do papel imposto pelas noções de gênero nessa sociedade, como aponta Sueli Carneiro, as pautas e análises

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



do feminismo hegemônico não fazem muito sentido, pois, ao mesmo tempo que os movimentos dizem que querem resgatá-las da exploração e da violência brutal sobre os seus corpos, também as silenciam, julgam e excluem, como no caso das prostitutas que permanecem reivindicando o direito ao feminismo e tem ele negado. Como analisa a socióloga Adriana Piscitelli (2018, p. 21), neste fervilhante contexto político atual, esses diversos coletivos de mulheres pouco considerados anos atrás no Brasil, reivindicam cada vez mais os seus direitos à igualdade e à resistência, em face da colonização dessas diferenças pelos feminismos hegemônicos. Chamando atenção nesse caso para as putafeministas, que apesar de estarem presentes na luta e sofrerem enormemente nos seus corpos com a opressão patriarcal, racista e colonial, enfrentam grandes dificuldades para obter solidariedades feministas. Vê-se, portanto, que, para enveredar-se pelos estudos interseccionais, é essencial abandonar a visão das mulheres como um grupo homogêneo, já que se deve procurar compreender os reais motivos “de algumas serem marginalizadas e estigmatizadas e outras gozarem de benefícios e direitos, sendo um caminho potente para a análise das violências” vivenciadas pelas prostitutas dentro e fora das zonas de prostituição. (SILVA; XIMENES, 2017, p. 185).

Sulz e Cardoso (2019) refletem que nessa disputa de narrativas e representações, as feministas radicais travam uma farranha luta contra, não só a prostituição, mas principalmente contra as prostitutas que afirmam que tem algo a dizer sobre si e sobre os seus direitos. Estas feministas apresentam argumentos em sua maioria assentados nas noções de “exploração do corpo”, “objetificação da mulher” e “manutenção dos interesses do patriarcado”, justificando mediante esses argumentos sua radical oposição à regulamentação da prostituição. Tendo, portanto como o maior ponto de conflito entre as putasfeministas e as radfem, a narrativa das feministas radicais de que a prostituição, independente de sua regulação ou clandestinidade, só pode possibilitar experiências de violência e exploração contra

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



as mulheres. Essa corrente do feminismo desconsidera a fala e a escolha da prostituta, numa insistência permanente de um ideal de resgate destas mulheres, numa perspectiva de orientar a emancipação das prostitutas contra a opressão do meio prostitucional. Numa fala que recrimina a forma como as prostitutas lidam com seu próprio corpo e sexualidade. Tendo a prostituição como um dos grandes temas deste movimento, contudo sem a escuta das prostitutas e de suas pautas, acabam por reproduzir um discurso salvacionista muito parecido com o das instituições religiosas e da política conservadora. Além da política de difamação perpretada por estes movimentos contra as feministas que defendem a regulamentação da prostituição, onde se coloca essas mulheres sob suspeita, lugar este que o patriarcado reserva para as Evas e Madalenas, as que desvirtuam do dito caminho da verdade. Como Prada comenta no trecho a seguir:

temos o que no Brasil se costuma chamar de feminismo radical, mas que eu prefiro chamar de feminismo conservador [...] Um feminismo que nos vitimiza e que pretende nos resgatar, negando nossa autonomia e nossa capacidade de escolha, e rechaçando violentamente a possibilidade de diálogo com aquelas de nós que não desejam a salvação oferecida. (PRADA, 2018, p. 33).

Como Prada aponta, essa corrente do feminismo nega a agência das prostitutas ao oferecer a estas somente a perspectiva da “salvação” da prostituição e não de um diálogo com abertura para partilhas e ações conjuntas. Já que se pautam por uma práxis baseada na verticalidade dos corpos hegemônicos, onde os corpos socialmente marginalizados devem apenas obedecer silenciosamente ao mando desse Outro que se entende como de consciência mais elevada, portador de um feminismo puro, superior. Esse ideal de erradicação da prostituição não é algo novo, mas que se renova através dos séculos. Tendo como base a pauta da abolição da prostituição no Brasil, tem-se a noção de que esta permanece voltada para um discurso e prática higienista que só se presta a criar leis que servem unicamente para isolar, para colocar as prostitutas em guetos, “em situações mais precárias e inseguras” do que mesmo a que esses setores denunciam. (PRADA,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



2018, p. 33). Numa lógica que intercala uma série de violações vinculadas às categorias de gênero, raça, classe social e sexualidade destas mulheres, categorias estas que são determinantes para se compreender em que proporção vai a violência de Estado contra essas mulheres. Já que hoje se compreende, de forma muito objetiva, que as vivências de uma “puta de luxo” - universitária, classe média e branca em sua absoluta maioria, são quase totalmente outras em relação as putas do chamado “baixo meretrício”.

4 CONCLUSÃO

As putafeministas defendem “um feminismo de todas as mulheres e para todas as mulheres”, um feminismo que abranja a luta das prostitutas. Tendo em mente, contudo, que “lutar pelos direitos das trabalhadoras sexuais não implica esquecer os casos de opressão, exploração e abuso que as mulheres, sendo putas ou não, sofrem”. Sendo importante, portanto, realizar um redirecionamento do olhar para as prostitutas que precisam de segurança para exercerem sua profissão, como Gabriela Leite e Monique Prada já defendiam e defendem com os seus manifestos. (SULZ; CARDOSO, 2019). O Putafeminismo reivindica, portanto, que se pautem os “temas relativos ao trabalho sexual a partir de uma ótica feminista, não moralista, não punitiva e não vitimista”. (PRADA, 2018, p. 68). E as narrativas dessas mulheres mostram um caminho cheio de possibilidades de emancipação.

REFERÊNCIAS

ARBOLEYA, Arilda. Agência e estrutura em Bourdieu e Giddens pela superação da antinomia “objetivismo-subjetivismo”. **Sociologias Plurais** – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, v. 1, n. 1, fev. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/scplpr/article/view/64705>.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



BENEDETTI, Marcos Renato; FÁBREGAS-MARTINEZ, Ana Isabel. **Na Batalha: Identidade, Sexualidade e Poder no Universo da Prostituição**. Porto Alegre: Dacasa, 2000.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. A gênese do conceito de habitus e campo. In: **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

_____. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.

BRANDÃO, H.H.N. **Introdução à Análise do Discurso**. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Ashoka Empreendimentos Sociais; Takano Cidadania (org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CIAMPA, Antônio da Costa. A estória do Severino e a história de Severina. São Paulo: Brasiliense, 2007.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. São Paulo: Boitempo, 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlette. Introdução. In: **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1990.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna**. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

PROMOÇÃO



APOIO

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GIDDENS, Anthony. "Durkheim e a questão do individualismo". In: **Política, sociologia e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

GIDDENS, Anthony. **Novas Regras do Método Sociológico**. Lisboa: Gradiva, 1996a.

GINZBURG, Carlo. **O Fio e os Rastros: Verdadeiro, Falso, Fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

GUEDES, Mardônio Silva. **Pelas ruas e pensões: o meretrício em Fortaleza (1930 – 1940)**. In: *Gênero*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p. 53-79.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, 26, p. 61-73. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100005>. Acesso em: 15 dez. 2019.

LEITE, Gabriela. **Eu, mulher da vida**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

_____. **Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LENZ, Flavio. Gabriela Leite, prostituta que viveu e promoveu a liberdade. **Em pauta**, n. 34. Rio de Janeiro, 2014. ISSN: 2238-378.

LIMA, A. F. História oral e narrativas de histórias de vida: a vida dos outros como material de pesquisa. In A. F. Lima & N. Lara (orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Psicologia Social Crítica**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LIMA, Alúcio Ferreira de; CIAMPA, Antonio da Costa. **Sem pedraS o arco não exiSte: o lugar da narrativa no eStudo crítico da identidade**. *Psicologia & Sociedade*, v. 29, 2017.

MINAYO, Maria C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência e saúde coletiva**, v. 17 n. 3, Rio de Janeiro, mar. 2012.

PAES, A. C. L.; CORREA, E. P.; RAVAGNANI, R. F. Aventurando-se com putas: das aventuras de contar-se, de Gabriela Leite, às políticas públicas da prostituição.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Anais Eletrônico do VIII Congresso Internacional de História e XXII Semana de História da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017, p. 1713 – 1721. Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3882.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher. In: Intérpretes do Brasil: Como Pensar o Brasil Hoje? 2018. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2442888&forceview=1>.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas (SP): Ed. da Unicamp, 2013.

SULZ, Juliana Albuquerque; CARDOSO, Frederico Assis. Putafeminismo: um caminho pelo direito de todas as mulheres. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 172, p. 344-348, abr./jun. 2019. [Seção] Resenhas. Resenha da obra de: PRADA, Monique. Putafeminista. São Paulo: Veneta, 2018.
<https://doi.org/10.1590/198053146283>

PROMOÇÃO



APOIO

